

Sobre a “campanha salarial” do Sindiprol

Depois de fracassado seu projeto de “equiparação” com os servidores técnico-administrativos, depois da SETI cansar de enrolar os sindicatos do comitê na famosa “equipe técnica”, depois de frustradas as esperanças nas velas acesas ao deputado Romanelli, depois de comprovar que os bravos e *independentes* deputados estaduais não derrubaram o veto do Governador ao projeto de equiparação e não tendo mais o que falar, o Comitê Estadual e o Sindiprol decretaram que “se esgotaram as negociações” e agora, só nos resta a greve.

É necessário, antes de mais nada, deixar claro que não houve qualquer negociação. O que houve foram idas e vindas inócuas a Curitiba para falar com deputados da base do Requião – ou seja, que jamais o enfrentarão –, ou conversas com funcionários de terceiro ou quarto escalão de secretarias que, como a SETI, não decidem nada. No limite, serviram ao jogo demagógico daquele deputado de oposição ao Requião que propôs o projeto de equiparação já sabendo que seria vetado. Quanto à encenação da “equipe técnica”, ela se deu sob o condicionamento da Secretária Lygia Puppato, de que o estudo se limitaria a ver o que o Governo poderia dar sem ferir a lei de Responsabilidade Fiscal – uma ópera bufa, como dissemos na ocasião e alertamos antes e muito antes.

O que de fato se esgotou foi o arsenal de subterfúgios do Comitê e do Sindiprol para justificar suas viagens inócuas e sua postura errada. O sindicalismo de resultados que adotaram como política – ou seja, agradar o poder para conseguir alguma migalha – não trouxe nenhum resultado. *Agora, querem empurrar os docentes para uma aventura antecipadamente destinada a fracassar, mas que serviria para expiar farsaicamente sua responsabilidade pela desorganização e impotência da categoria.* Outro motivo por trás da proposta de greve foi que se esgotou o mandato do grupo que dirigia o Sinteemar (Maringá), e que, com receio de

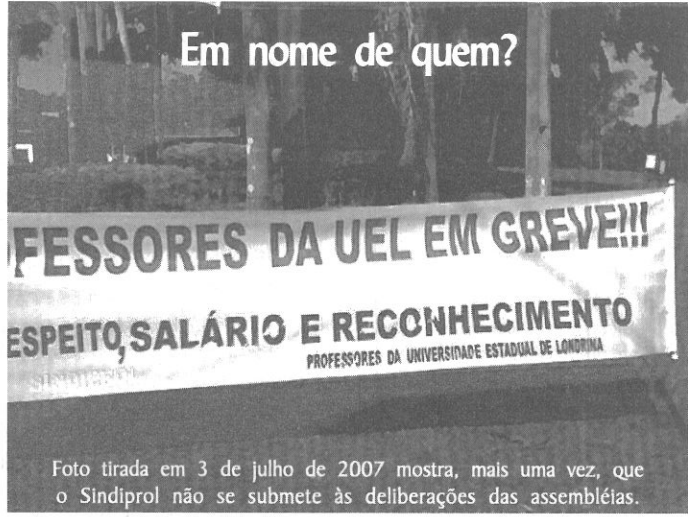
perder as eleições (o que acabou acontecendo), chamou a greve como recurso desesperado. Era esse o grupo dirigente que durante todo o ano passado recusou-se deliberadamente a convocar assembléias de docentes, preferindo o simulacro de negociações nos corredores da Assembléia Legislativa em Curitiba.

ADUEL CONTRA ESTA GREVE – UM PARADOXO?

Ao docente habituado a ver a ADUEL chamando à mobilização e ao combate contra o governo pode resultar paradoxal a nossa oposição a esta greve. Todavia, este aparente paradoxo decorre da incompreensão das posições assumidas pela ADUEL desde a greve de 2000.

A intervenção da ADUEL esteve sempre impregnada pelo objetivo de organizar as forças da categoria para arrancar a reposição integral das perdas salariais; de mobilizar a comunidade universitária em defesa da universidade pública, gratuita, laica e autônoma e defender as liberdades democráticas na universidade e no país. Entendemos que a conquista de nossas reivindicações deve ser o resultado da nossa organização autônoma, da força e unidade que conseguimos construir e não da concessão graciosa do poder ou dos representantes do poder: deputados, secretários, governadores, bispos, associações patronais, etc., Por este motivo nos opomos a todas as variantes do colaboracionismo de classe que identificamos em

Em nome de quem?



PROFESSORES DA UEL EM GREVE!!!
RESPEITO, SALÁRIO E RECONHECIMENTO
PROFESSORES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

Foto tirada em 3 de julho de 2007 mostra, mais uma vez, que o Sindiprol não se submete às deliberações das assembléias.

diversos sindicatos de servidores e docentes de universidades do Estado do Paraná.

Isto não significa que a ADUEL esteja chamando a greves todos os dias do ano, ou como disse um professor recentemente, defendendo uma política de “terra arrasada”. Esta interpretação se origina entre os que postulam a colaboração com o poder como forma de conseguir migalhas, e se incomodam com a organização autônoma dos docentes porque atrapalha seus planos de conseguir cargos políticos mediante a atividade sindical.

A Associação dos Docentes da UEL, ao contrário do que seus detratores divulgam, realiza diversas atividades para organizar a categoria docente, politizar o debate em torno à defesa da universidade pública, representar os professores perante a justiça comum em defesa dos salários. As publicações de revistas, boletins e jornais, assim como os eventos para debater a reforma universitária ou as fundações ditas de apoio às universidades, têm o objetivo de organizar a categoria e politizar a intervenção nos problemas que nos dizem

.....>>
continua>>

respeito enquanto docentes. A divulgação dos CD's com programas da Rádio Universidade também são parte das atividades destinadas a reforçar uma identidade política e cultural que consideramos fundamental para a defesa dos docentes e da própria Universidade Pública. Ao mesmo tempo, somente a ADUEL em todo o Estado do Paraná, impetrou ação em defesa dos salários contra o governo do Estado. Ação que pode ser acessada no site www.aduel.org.br.

Toda a intervenção e as posições defendidas pela ADUEL se subordinam ao objetivo da organização dos docentes. Entendemos que esse é o único caminho que temos para alcançar a satisfação das demandas do coletivo de docentes. Este é o motivo pelo qual nos opomos à greve proposta pelo Sindiprol e pelo Comitê neste momento. Esta não atende ao objetivo de elevar a organização dos docentes. Pelo contrário, é uma tentativa de esconder dos professores a trajetória dos sindicalistas que ficaram todo o período anterior postulando a possibilidade de conseguir migalhas ficando de joelhos. Pior, é proposto num momento em que o governo do Estado tem todas as condições políticas de nos derrotar e os docentes nenhuma de ganhar.

A SITUAÇÃO POLÍTICA EM QUE SE PROPÕE A GREVE

Roberto Requião não renunciou à sua pretensão de ser candidato à Presidente da República. Faltando ainda três anos para as eleições, ele precisaria agradar ao grande capital – que é na prática quem decide quais os candidatos que podem concorrer – e, nesse sentido, “enquadrar” o funcionalismo, mediante uma exemplar derrota aos professores universitários funcionaria como uma excelente credencial. O momento da demagogia populista seria mais próximo à eleição.

Por outro lado está em curso uma tendência à fascistização nas relações políticas e sociais no plano nacional e internacional. A repressão e criminalização dos movimentos sociais, os assassinatos políticos, a pressão pelo incremento da ação policial se combina, no plano internacional, com a ascensão de governos direitistas e predomínio da prepotência imperialista dos Estados Unidos. Nesse cenário, o perfil de Roberto Requião se encaixa com perfeição, e a repressão a uma greve exclusiva de docentes, lhe daria uma excelente oportunidade para exercitar a sua vocação autoritária.

Em âmbito nacional avança a implementação da lei antigreve do funcionalismo público, que, apesar de não

ter sido aprovada, é utilizada pelo governo federal para descontar os salários dos trabalhadores do IBAMA e de outros setores em greve. Certamente, este precedente seria utilizado por Requião para nos enfrentar, e sem uma preparação política e jurídica consistente, poderia resultar num desastre.

As direções sindicais não inspiram confiança para conduzir um enfrentamento. Ficaram durante muito tempo alimentando a ilusão de que “conversas” com o poder poderiam trazer a reposição salarial e, repentinamente, decretaram que se esgotaram as negociações, que agora é o momento da greve. A greve que antes, quando Requião em vésperas da eleição estava fragilizado, evitaram. Mas, ao mesmo tempo em que chamam os professores para a greve porque se “esgotaram as negociações”, tentam ressuscitar a proposta dos reitores de um abono, ou, considerando a possibilidade de negociar um novo PCCS, passando a constituir mais uma comissão daquelas que nada resolvem.

A ORGANIZAÇÃO DE NOSSAS FORÇAS

A greve não é uma ação que possa ser realizada a qualquer momento. Ela marca um alto grau de agudização na luta dos oprimidos. Sem esta agudização, os trabalhadores que normalmente acatam passivamente a disciplina do capital, não conseguem romper a submissão cotidiana e revelar-se coletivamente. E da mesma forma que na guerra, uma batalha, só pode ser travada quando os exércitos têm condições semelhantes de vitória, uma greve deflagrada numa situação de franca inferioridade é um suicídio. Nessas condições, a greve ao invés de elevar a nossa capacidade de arrancar as nossas reivindicações, pode nos levar à desmoralização.

Nas condições de fragilidade e desorganização a ação correta é trabalhar pela reorganização e fortalecimento dos nossos instrumentos de luta: a nossa representação, as assembleias, as comissões de centro e a participação dos docentes desde a base em defesa dos salários e da Universidade Pública. Esta reorganização pode se transformar num fator da situação política e acelerar o momento em que teremos forças para arrancar a reposição de nossas perdas.

Há muito que a ADUEL vem defendendo a necessidade de superação da fragilidade de nossa representação. Fragilidade representada pela falência do Sindiprol enquanto organismo dos docentes que se transformou – desde fins da década de 1980 – num aparato para impulsionar o carreirismo político de pessoas e/ou grupos. Os próprios docentes nos momentos de maior mobilização, como foram as greves de 2000 e de 2001-2002, assim o entenderam, e deliberaram pela unificação das duas entidades como forma de superar a crise de representação.

A proposta da ADUEL é mais do que conhecida: constituição de uma nova entidade mediante um Congresso de docentes. Deste Congresso participariam docentes eleitos pelos seus colegas em todos os departamentos da UEL e nele se decidiriam os estatutos, o modelo de sindicato e a estrutura da nova entidade, de modo a que durante a realização do próprio Congresso, já estaríamos organizando os professores pela base.

Uma entidade assim constituída teria o respaldo que falta às nossas atuais representações, seria também uma referência para os funcionários – que certamente vão entender a necessidade de unificação na luta com os docentes – e daria confiança para o movimento das outras universidades estaduais.

Como se vê, a proposta da ADUEL não consiste em se opor à greve, mas em buscar a superação dos entraves na organização de nossas forças, sem o que, não se pode pensar nem na reposição salarial, nem no enfrentamento do processo de destruição da Universidade Pública.

Nas condições de fragilidade e desorganização a ação correta é trabalhar pela reorganização e fortalecimento dos nossos instrumentos de luta.

Jornal da ADUEL

Publicação da Associação de Docentes da Universidade Estadual de Londrina
Seção Sindical do ANDES - Sindicato Nacional dos Docentes do Ensino Superior

Tiragem: 2 mil exemplares
Impressão: Folha de Londrina

Entre em contato com a diretoria da Aduel
Fone/Fax: (43) 3371 4507/ (43) 3328 4549
aduel@sercomtel.com.br
www.aduel.org.br

A posição da ADUEL em relação à ruptura do ANDES com a CUT

Na última assembléia da ADUEL, um professor perguntou-nos qual a posição da ADUEL em relação à ruptura do ANDES/SN com a CUT. Reproduzimos a seguir matéria veiculada no Boletim da ADUEL em 25 de abril de 2005, que muito antecipadamente já respondeu a esta questão.

TENDÊNCIA AVENTUREIRA E OPORTUNISTA LEVA ANDES A ROMPER COM A CUT

No seu último Congresso, reunido em Curitiba nos dias 24 de fevereiro a 2 de março, o ANDES-SN resolveu por 192 votos favoráveis, 85 votos contra e 12 abstenções, pela desfiliação do sindicato da CUT.

A representação da ADUEL presente a esse Congresso se opôs e combateu firmemente esta decisão por considerá-la um equívoco que coloca em risco inclusive a continuidade do ANDES enquanto um sindicato nacional.

As correntes que postularam a desfiliação limitaram seus argumentos a considerações de caráter essencialmente corporativas: "Como a CUT é governista, ela não nos representa mais, logo, devemos criar uma outra central que nos represente". Abandonando a disputa para que a CUT deixe de ser governista e se torne um instrumento dos trabalhadores.

Mas, na realidade, o cálculo que está por trás da ruptura é outro. O PSTU e o PSOL querem criar uma central própria que, no marco da reforma sindical, lhes garanta o espaço burocrático que perderiam ficando a mercê da direção petista e do PCdoB. Não reparam que uma decisão irresponsável como essa, socava o princípio da unidade da classe e de que o sindicato é uma frente única onde se representam as diversas correntes do pensamento.

Os docentes da UEL vinculados ao ANDES – SN tem a tarefa de avaliar com calma e serenidade esta difícil situação e encontrar os meios de reverter esta decisão desastrosa.

Recentemente, as Associações Docentes (seções sindicais do ANDES) de Belo Horizonte e São Carlos se constituíram em sindicatos plenos – ou seja, no limite, deixarão de pertencer ao ANDES. A Associação Docente da UFRGS também analisa esta possibilidade, assim como a de se criar uma Federação das Associações Docentes das Universidades Federais. É claro que são iniciativas de AD's vinculadas a partidos do governo, mas, nem por isso pode-se esconder o fato de que a consequência da ruptura sectária e aventureira naquele congresso está na base da cisão que está se processando.

Glaci Therezinha Zancan: A morte de uma mulher extraordinária

Por Luis Carlos Jabur Gaziri

Dia 29 de junho, aos 72 anos, morreu a Professora Glaci, do Departamento de Bioquímica da Universidade Federal do Paraná e ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Dou testemunho de que todos nós que defendemos a universidade pública; que defendemos a disseminação da pesquisa científica por todo o país; que defendemos o fortalecimento e o apoio irrestrito à pesquisa básica, tanto pelo seu significado em si quanto por ser o único caminho para a alavancagem tecnológica do desenvolvimento soberano do país; que defendemos a militância política permanente dos pesquisadores em todas as questões que digam respeito às universidades e à ciência; todos nós já colhemos frutos de uns cinquenta anos de trabalho dessa mulher extraordinária, e estamos todos nós agora mais pobres, agora mais órfãos.

Tenho certeza que o Departamento de Bioquímica da UFPR, com a participação da SBPC e de muitos pesquisadores do país, organizará um grande evento em homenagem à Professora Glaci, e que desse evento resultará um livro de memórias sobre a sua imensa contribuição à formação de recursos humanos e à definição de políticas científicas governamentais. De minha parte - e para que não se percam definitivamente, posso apenas deixar aqui registradas algumas escassas memórias de meus encontros episódicos com a Professora Glaci, ao longo de uns 35 anos. Outros tiveram a feliz oportunidade de conviver com ela, e seguramente terão ricos tesouros a nos mostrar.

Minha primeira conversa pessoal com a Professora Glaci ocorreu em meados de 1968. Antes disso eu a havia visto algumas vezes, e fui ocasionalmente apresentado a ela, que pareceu apenas responder com um olhar neutro e um

imperceptível meneio. Conhecida como muito austera, sua presença miúda impunha respeito a todos os seus colegas; aos mais jovens, creio que até atemorizava. Naquela manhã caminhei um pouco apreensivo a distância de uns dez ou quinze quarteirões entre a Praça Ruy Barbosa e a antiga Faculdade de Medicina da UFPR, com um protocolo de experimentos na mão e algumas cópias de trabalhos científicos. Eu precisava resolver uma dúvida sobre uma determinada técnica de dosagem, e o chefe do departamento onde eu era bolsista de iniciação científica nada sabia de química ou bioquímica.

Entrei em seu laboratório, e ela estava trabalhando em uma bancada lá no fundo da sala – a uma distância que me pareceu enorme - auxiliada por uma professora, creio que a Déia Amaral. Sentei-me em uma banquetta junto a uma bancada mais próxima, sem fazer ruído, e aguardei. Ela voltou o rosto, olhou-me, e retornou ao trabalho sem dizer palavra. Alguns minutos depois veio até onde eu estava, e eu, temeroso de perturbá-la e sem sequer dizer bom dia, logo disparei qual era o problema. Pareceu-me ver um pequeno sorriso e um pequeno fulgor a mais em seus olhos permanentemente brilhantes, mas talvez isso sejam truques de minha memória. "É verdade, houve um erro de interpretação da técnica original, e esse erro se propagou", foi sua resposta. Abriu um armário, pegou um livretinho, creio que intitulado "Manual de Técnicas de Bioquímica", e mostrou-me a página onde estava a técnica, com a correção que ela havia feito à mão. Agradei, levantei-me e já ia escapando, quando ela me disse para levar o livretinho. [...]

Leia o texto na íntegra em www.adel.org



Seminário

100 Anos Caio Prado Junior

Sala de Eventos do CCH, às 19hs.

28/08: "História do capitalismo, história mundial?" Paulo Henrique Martínez (UNESP/Assis)

29/08: "Caio Prado Junior e a economia agrária do Brasil" Rubem Murilo Leão Rego (UNICAMP)

30/08: "Caio Prado Junior e o marxismo brasileiro" Bernardo Ricupero (USP)

Chimpanzés e bonobos

Muito interessante uma entrevista do primatólogo holandês Frans de Waal (Folha de S. Paulo, 15 de Julho de 2007, caderno "mais!", p.8-9) sobre seu livro "Our Inner Ape", que já deve estar nas livrarias. A entrevistadora não gostou muito da tradução do título, "Eu, Primata", e sugere que é algo como "nosso primata interior", bem mais correto, mas eu traduziria mesmo é como "Nosso Macaco Interior".

Da apresentação pela entrevistadora Giovana Girardi: "Ele (Frans de Waal) já mostrou que chimpanzés são capazes de realizar verdadeiras intrigas políticas na luta pelo poder – com casos frequentes de dois machos se unindo para derrubar o macho 'alfá', matando-o. Também foi um dos primeiros a contar a história dos pouco conhecidos bonobos – macacos que por muitos anos foram confundidos com os chimpanzés". E segue: "Se os primeiros compõem sociedades comandadas por machos, vivem em permanente disputa por poder e são violentos, os bonobos são vistos como os hippies da floresta". Os bonobos são retratados como membros gentis de sociedades matriarcais, que fazem sexo para resolver quaisquer problemas "e conhecem tantas posições sexuais que poderiam ilustrar um exemplar do Kama Sutra".

"Primata bipolar", título do comentário da jornalista, reflete com perfeição o seu conteúdo. "Como é o nosso macaco interior"? Resposta de Frans de Waal: Podemos dizer que estamos mais para um primata bipolar. É como se tivéssemos dois macacos interiores, um é o chimpanzé e o outro é o bonobo. Somos uma combinação dos dois. Com os primeiros dividimos características de poder masculino, de política. Com os bonobos dividimos a empatia, somos altruístas.

A tese central do autor parece ser de que "provavelmente o último ancestral comum de humanos, chimpanzés e bonobos deve ter se comportado um pouco como nós e um pouco como eles. A genética mostra no que somos iguais e no que somos diferentes. Mas quando observamos um comportamento igual nas três espécies podemos supor que ele estava presente também neste ancestral comum". E daí o autor segue com considerações sobre o comportamento humano, sobre agressividade e altruísmo em nossa espécie, sobre o macaco bipolar, isto é, nós.

Não gosto de algumas conotações que parecem ser morais, de bem e mal, de Dr. Jekyll e Mr. Hyde que aparecem na entrevista, mas sobre isso só poderei ter opinião após ler o livro.

De volta a "Sobre o Pássaro Caçador".

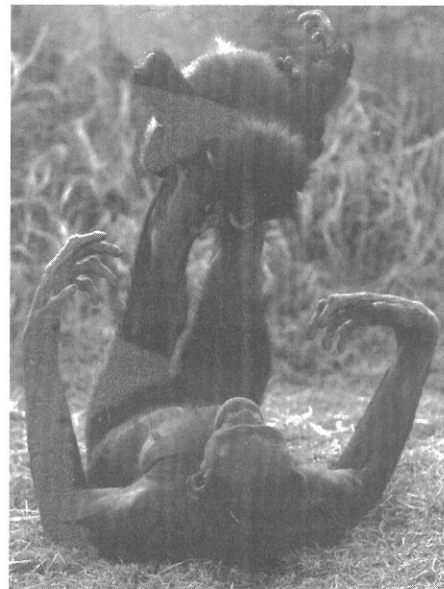
Chimpanzés e bonobos são primos-irmãos - se não me engano são os dois únicos representantes do gênero *Pan*, e o seu genoma difere do humano em apenas cerca de um por cento. Em alguns anos saberemos o significado desses um por cento, quando a expressão desses genes e as funções das proteínas por eles codificadas estiverem completamente caracterizadas.

Os bonobos concentram-se nas vastas florestas tropicais à margem esquerda do rio Congo, na República Democrática do Congo. Os chimpanzés distribuem-se da África central até a costa atlântica do continente. Das planícies costeiras da Tanzânia, voltadas para o oceano Índico, até a foz do rio Congo, no oceano Atlântico, existem grandes bacias hidrográficas e muitos lagos - entre estes dois dos maiores do planeta, o Victoria e o Tanganica -, o que possivelmente constituiu um cenário geográfico e biológico ótimo para o aparecimento dos primeiros australopitecos, descendentes do último ancestral comum entre bonobos, chimpanzés e humanos. Todos os estudos, de diferentes especialidades, convergem para essa região como o local do aparecimento de nossa espécie. Se existisse alguma memória ancestral de nossas origens, talvez esse fosse o local do "Paraíso Perdido".

Em "Sobre o Pássaro Caçador", publicado na página da Aduel (Hoje, 23/05/2007), chamei a atenção para a escala temporal entre o aparecimento da vida na Terra, há 3,8 bilhões de anos; as primeiras pegadas de homínidos, em Laetoli, há 3,8 milhões de anos; e o estabelecimento das primeiras vilas agrícolas na Mesopotâmia, há uns 10 mil anos. Laetoli situa-se no norte da Tanzânia, não muito distante do Kilimanjaro e da fronteira

com o Quênia. Um pouco mais ao norte, no Rift Valley etíope, foi encontrado o esqueleto de um australopiteco ("Lucy", *Australopithecus afarensis*) que viveu há 3,3 milhões de anos. Portanto, naquela época os australopitecos já estavam se espalhando pela África. Da Etiópia, costeando o Mar Vermelho, poderiam chegar ao Egito, ou cruzando o Estreito de Bab al-Mandab chegar ao Iêmen. Provavelmente, esse também foi o caminho de nossos ancestrais mais próximos.

Há uns 80-100 mil anos o Homem de Cro-Magnon (*Homo sapiens*), nosso ancestral mais próximo, deve ter começado a deslocar seu primo menos aquinhoado pela evolução – o Homem de Neandertal – de seus nichos, no



Paleolítico. O Homem que estabeleceu as primeiras vilas agrícolas na Mesopotâmia, no Neolítico, há uns dez mil anos, já era o *Homo sapiens sapiens*, como orgulhosamente chamamos a nós mesmos.

Talvez o "Paraíso Perdido" esteja nessas vilas da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates, terra de abundância e paz, da qual fragmentos de memória oral podem ter restado e sido preservados, uns cinco mil anos depois, com a invenção da escrita cuneiforme. Suponho que nessas primeiras vilas agrícolas, já capazes de irrigar os campos, e fazer artefatos de cerâmica e cobre, o trabalho era essencialmente cooperativo. Suponho que a baixa densidade populacional e abundância de recursos não favorecessem a competição, que provavelmente ocorria apenas dentro de cada vila, na disputa pelo poder na tribo, pelo melhor pedaço de terra, pelas fêmeas. No terceiro milênio, o aparecimento de grandes cidades, como Mari e Ebla, e das cidades-Estado da Suméria, deve ter causado o aparecimento da competição pela posse do território, deve ter incitado o chimpanzé de Frans de Waal. A florescente cidade de Mari (onde hoje está Tell Hariri, na Síria) já dispunha de salas de aula, onde os alunos apreendiam escrita cuneiforme e aritmética sexagesimal, conforme mencionei em "Sobre o Pássaro Caçador". Mari foi destruída por Hamurábi (1793-1750 antes de nossa era), rei da Babilônia e fundador do primeiro império babilônico, responsável pelo código de leis que leva o seu nome: isto significa que há pelo menos uns quatro mil anos o trabalho cooperativo e a paz das aldeias foram derrotados pela força e pela imposição de leis, pela competição por um poder mais amplo. Aliás, há muito tempo li, em algum livro perdido – e não sei se isto está certo, que em russo Mir significa tanto paz quanto aldeia.

